REVISTA PERSPECTIVA GEOGRÁFICA
ISSN 1981 - 4801 (on-line)
Resenha

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes *et al*. (Orgs.) **Geografia e Conjuntura Brasileira**. Rio de Janeiro: Consequência, 2017

Arthur Breno Stürmer
Instituto Federal de Alagoas, *Campus* Palmeira dos Índios.
Avenida das Alagoas - Palmeira de Fora 57601220 - Palmeira dos Índios, AL - Brasil
E-mail: arthur.sturmer@gmail.com

Disponível on-line em http://e-revista.unioeste.br/index.php/pgeografica

Dirce Suertegaray, doutora em Geografia, docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e um dos grandes nomes da geografia brasileira, possui extensa experiência profissional nos programas de Pós-Graduação em Geografia, tendo orientado diversos trabalhos em que o tratamento dado à geografia "física" não se aparta de uma visão aguçada dos fatos e processos humanos e sociais.

Hoje, Suertegaray consegue ser uma voz importante em meio à intolerância e insensibilidade de parte dos governantes, atraindo para si a atenção pela opinião tão sensata quanto abalizada e fundamentada na ciência e na razão. Com Charlei Silva, Claúdia Pires e Cristiano de Paula, Suertegaray reúne o que há de mais significativo para a ciência geográfica, na *Geografia e Conjuntura Brasileira*, em um tempo política e socialmente conturbado, especialmente após as seguidas investidas contra a frágil democracia à brasileira, resultando em nova correlação de forças na política brasileira.

É inevitável relembrar Milton Santos (1926-2001), eminente geógrafo, quando disse, em plena fase de mudanças históricas, na virada do século: "Vivemos em um mundo confuso e confusamente percebido" (SANTOS, 2008, p. 17), "um mundo de fabulações", que – disse – esconde perversidades. Mais de dez anos depois, o discurso único eclipsa o caminho "à consciência universal", fortalecendo-se na disputa pela melhor forma de encarar os problemas político-partidários, as "barreiras" da legislação ambiental e as expressões da diversidade humana, dentre outros.

Não se está mais a resistir à globalização. Ao se incentivar a abertura do país, efetivar alianças bilaterais em prejuízo às multilaterais, internacionalizar sem ser protagonista, chega-se ao ponto em que se abdica das fabulações para adotar novas formas de ação, retomar velhos projetos e concretizar práticas neoliberais rechaçadas no passado. A austeridade consentida pelas massas mostra-se elemento menos de ruptura política que de movimento em direção ao neoconservadorismo, porém de caráter popular.

Em momentos históricos de intensa movimentação política e social, de mudanças significativas no cenário nacional e de incertezas no contexto internacional, é comum faltarem ferramentas e instrumental necessários à interpretação dos processos em curso e suas implicações de curto, médio e longo prazo para a sociedade, a natureza e, principalmente, para o espaço.

A publicação de *Geografia e Conjuntura Brasileira* vem na hora certa, quando já é possível identificar o evidente retrocesso da democracia brasileira e o recrudescimento de problemas ainda merecendo a devida leitura geográfica, qual é o caso da relação entre capital

e trabalho, exploração da natureza e do homem, conflitos agrários, questão urbana, invisibilidade afro-brasileira, recursos hídricos e mudanças climáticas.

Não são poucos os assuntos tratados nesta coletânea, que vem a público pela iniciativa da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ANPEGE) depois do respectivo encontro nacional que, em Porto Alegre-RS, discutiu geografia, ciência e política enquanto teoria e prática, buscando captar os processos e transformações mais relevantes na atualidade. Esse é o objetivo da obra, para a qual se elegeram temas notadamente de interesse nacional, mas que atravessam escalas mais amplas e se vinculam a conflitos diversos em torno da apropriação, expropriação, exploração e destruição, seja dos recursos, seja do próprio homem.

Trazendo treze capítulos, esta obra dá respostas consistentes aos principais anseios pelo entendimento da conjuntura brasileira, cujas repercussões na sociedade e espaço intrigam a todos. Aqui, a ciência geográfica fornece uma visão integrada entre o "físico" e o "humano" para desvendar os impactos da expansão neoliberal e os conflitos que gera, nos mais variados espaços.

A aparência volumosa da obra, de 372 páginas, não espanta o leitor, pelo contrário: ao reunir autores dos mais procurados por pesquisadores em Ciências Humanas, chama a atenção pela qualidade a quem busca compreender *geograficamente* as coisas no decurso mesmo dos acontecimentos, pois seus temas continuam sumamente atuais.

O capítulo 1, por exemplo, tem Alexandrina Conceição expondo as contradições da lógica do sistema capitalista denuncia a exploração do trabalho e da natureza sem medir as consequências em termos de destruição de recursos. O capital, ao invés de ampliar o progresso, aproxima-o dos seus limites, produzindo também espaços que, invariavelmente, vem resultando em conflitos territoriais, cujas partes estão desigualmente representadas pelo Estado. Este assume o papel de representar abertamente as grandes corporações, desequilibrando as forças em jogo. A autora mostra isso com um ótimo referencial para analisar a fronteira agrícola do MATOPIBA, evidenciando, além dos conflitos, a resistência através dos movimentos camponeses.

Os capítulos 2, 3 e 4 continuam dando atenção aos processos de matiz neoliberal que incidem sobre o espaço. Com Carlos Brandão, fala-se dos "espaços estatais" e da reestruturação regulatória em escala nacional, identificando "paisagens da reestruturação regulatória" nos anos FHC, do lulismo e do governo Temer. Fica evidenciada a fragilidade dos esquemas de proteção social diante das experimentações neoliberais no Brasil. Póvoa Neto aborda as migrações e fronteiras no que elas implicam em associação das populações a territórios a partir das noções de "nacional" e "estrangeiro", isto é, de categorias classificatórias na sociedade. Assim, territorialidades são impostas e padrões de mobilidade são criados para governar as populações em meio a processos de hierarquização social, opressão e violação de direitos. Tal é a pertinência que faz o autor comentar o caso dos "brasiguaios", haitianos, venezuelanos e mencionar a nova Lei de Migração brasileira (Lei nº 13.445/17). Mançano Fernandes, na sequência, analisa as transformações no campo pelos governos neoliberais e destaca o protagonismo dos movimentos camponeses na defesa de novas políticas de desenvolvimento alternativas ao que propõem neoliberais e pós-neoliberais.

O capítulo 5 também é sensível à problemática social, especialmente quando as ações, nos planos econômico, político e social, se encontram desconectadas entre si. Um bom exemplo são os grandes empreendimentos – apesar dos efeitos e riscos que trazem consigo. O autor, Vicente da Silva, chega a tocar no caso da barragem de Fundão, em Mariana (MG), porém concentra-se nas hidrelétricas. Pensando na mudança de paradigmas, percebe as contradições presentes nos discursos e conclui pela impossibilidade do desenvolvimento sustentável sob o capitalismo. A chave para uma sociedade melhor foi apresentada: a conexão entre os três planos acima.

O capítulo 6 expande a compreensão de que a educação ou "a sala de aula" é um lugar para se pensar uma sociedade consciente. Entretanto, aqui, com Nelson Rego, o tom sério da análise das políticas públicas para a educação talvez soe um pouco pessimista. Seu foco é a atual reforma do ensino médio, que se tornou o prato cheio para visualização do receituário neoliberal sendo aplicado à risca na educação pública brasileira. Há "fraturas" – diz – que são espaços de lutas, e elas situam-se entre o discurso e as evidências da realidade. São contradições entre o dito e o não dito!

Os capítulos 7, 8 e 9 são dedicados à cidade e ao urbano. Sandra Lencioni aborda a metropolização no Brasil, afirmando a emergência de novas formas e a desterritorialização das relações sociais – uma face nem sempre lembrada nos estudos da área quando se quer compreender a constituição das regiões metropolitanas. Em texto sintético, tem-se a formação histórica das metrópoles, sua institucionalização e condição atual, de produção de regiões dispersas policêntricas. Coube a reflexão sobre a contribuição da globalização e do neoliberalismo para que a cidade tenha deixado de ser, lembrando à Lefebvre, o lugar privilegiado do encontro. Encarnação Sposito trata da urbanização e da rede urbana, discutindo o método de aproximação à questão urbana no Brasil e, mesmo não sendo sua intenção, fornece uma sugestão de roteiro para se estudar o urbano, entremeado por observações-chave sobre "a nova substância da urbanização brasileira". Ela não se esquece de atualizar o debate mostrando o papel do consumo na sociedade globalizada e a importância da ciência, tecnologia e informação no território para as cidades médias consolidarem novas posições na divisão interurbana do trabalho. Cesar Santos complementa o entendimento acerca da urbanização e configuração das cidades, com a mesma preocupação metodológica de aproximação aos temas. Traça um caminho de compreensão sobre a propriedade do solo urbano hoje, analisando com fartos dados, o complexo financeiro-imobiliário, inserindo na discussão o Programa Minha Casa Minha Vida (MCMV).

Os capítulos 10 e 11 trazem em destaque questões candentes da geografia e conjuntura brasileira, qual seja a relação dos sujeitos com o território e, nisso, os conflitos. Catia da Silva coloca o problema sob o viés da teoria social crítica, valorizando o sujeito social e espacial em suas lutas no contexto urbano. Seu texto ainda preenche uma lacuna importante entre trabalhos que buscam a compreensão mais abrangente dos impactos da modernização do território sobre os diferentes sujeitos ao colocar em pauta a escala geográfica de análise do objeto, com o fim de apreender os conflitos territoriais e as lutas das comunidades tradicionais em profundidade. Rafael dos Anjos amplia o olhar sobre a invisibilidade dos sujeitos em conflito pela apropriação-uso do território. Ele parte da representação cartográfica territorial do Brasil, mas se concentra nas matrizes étnicas africanas, que permanecem relativamente "visíveis-invisíveis" até hoje, especialmente quando se fala nos quilombos contemporâneos e terreiros religiosos. Em vista disso, o autor finaliza com recomendações para que se realizem as devidas "constatações territoriais" necessárias.

O capítulo 12 e 13 fecham a coletânea de artigos, com Pedro Vianna tratando do Semiárido e das políticas hídricas no Brasil com farto referencial para chamar a atenção à complexidade e diversidade quanto às particularidades hídricas (que constituem "ilhas hídricas"), e Francisco Mendonça abordando as mudanças climáticas (MCs). Para estas, nada melhor que colocar à mesa as diferentes posições em debate (crítica, cética, hegemônica), respaldadas pela ciência, mas também por posturas político-econômicas e disputas corporativas. O autor fala do Brasil e do mundo, expondo os possíveis impactos das mudanças climáticas segundo as regiões brasileiras. Ao contextualizar a problemática em escala global, alerta para o perigo do pensamento único, recomendando algumas posturas que se erigem como desafios para o debate sobre a problemática das mudanças climáticas globais.

A obra termina como começou: como sendo um excelente convite à interpretação dos fatos e fenômenos geográficos enquanto eles acontecem. Talvez essa seja uma característica importante que se percebe até o final do livro, que substitui em muito as pretensões de verdade veiculadas pelas mídias sem a reflexão mais detida. O leitor ficará, por isso, com a

impressão de que ganhou tempo ao buscar o conhecimento abalizado que a comunidade acadêmica oferece através de produções científicas selecionadas com maestria.

Longe de ser uma publicação com posicionamentos inflamados, o que se vê é a explicitação de contradições, de diferentes pontos de vista, proposições para leitura e reflexão sobre a realidade brasileira, permeada por uma visão crítica que é tão moderada quanto equilibrada e, ao mesmo tempo, extremamente informativa e incisiva conforme uma e outra temática o exige. Os organizadores também parecem ter captado com certa precisão os assuntos que viriam a inquietar aos pesquisadores e à população leiga em geral mesmo após um ano e meio de sua impressão, continuando a ser uma leitura indispensável.

Referência

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 16. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.